

Os crimes em nome do amor

Cristiane leva tiro do ex-noivo e perde uma vista; Maria morre porque terminou o namoro

Angelina Nunes e Ronaldo Braga

Um revólver encostado na sua têmpora e os disparos. Essa é a última cena vista por Cristiane Rocha da Silva, de 24 anos. Desde a noite de 12 de agosto de 1995 ela briga contra as trevas. A visão do olho direito foi perdida de imediato. A do olho esquerdo ainda tem chance de recuperação: após três cirurgias, ela já consegue vislumbrar um brilho suave na escuridão. A cegueira involuntária foi provocada pelo ex-noivo Cícero Ailton Santos da Silva, de 37 anos. Depois de tentar durante meses uma reconciliação, ele partiu para a vingança. Dois revólveres e vários tiros: um varou a têmpora do lado esquerdo para o direito. Mesmo caída, Cristiane ainda foi atingida na mão e antebraço esquerdos. Cícero ainda baleou um amigo da ex-noiva. Foragido, ele só teve sua prisão preventiva decretada há uma semana.

Cristiane é mais um caso que engrossou as estatísticas sobre violência contra mulheres. O número de registros vem crescendo a cada dia. Segundo a coordenadora das Delegacias Especiais de Atendimento a Mulher (Deam), Martha Rocha, em média, as delegacias registram 350 casos por mês.

— O medo da vítima é o maior cúmplice da impunidade dos agressores — afirma a delegada Martha Rocha.

A disposição das mulheres agredidas em denunciar seus agressores pode ser vista no crescimento de registros dos últimos dois anos. Em 1995, por exemplo, foram registrados 17 834 lesões corporais dolosas. No ano seguinte, esse número subiu para 19 195.

Comerciante mata companheira com seis tiros e tenta suicídio

Mas nem sempre as vítimas dessa violência sobrevivem. Na noite de sábado, o comerciante Marco Antônio Marcundes, de 40 anos, matou a vendedora desempregada Maria do Socorro Bezerra dos Santos, de 34 anos, dentro de uma padaria. Depois, tentou o suicídio com um tiro no queixo, mas sobreviveu e está internado no Hospital Salgado Filho, fora de perigo. Os dois mantiveram um relacionamento de quase cinco anos. Ele tentava a reconciliação, mas não suportou a idéia do rompimento e de saber que ela estava interessada em outro homem.

O comerciante deixou bilhetes explicando sua atitude. Segundo o delegado Osvaldo Neves, da 24ª DP (Piedade), Marco Antônio premeditou o crime. Ele disse que o comerciante combinara um encontro com Maria do Socorro. Ela entrou na padaria e estava sentada esperando por ele. Marco Antônio chegou e descarregou o revólver calibre 30. Depois foi até o banheiro, recarregou a arma e tentou o suicídio.

— Foi tudo muito rápido — contou o

garçom Paulo Sérgio da Silva, que trabalha na padaria.

Ontem à tarde, o irmão do comerciante esteve na delegacia. Em seu depoimento, ele disse que Marco Antônio era pacato e nunca andara armado.

Aparentemente tranquilo, sem vícios e incapaz de uma agressão. Este também é o perfil de Cícero. De família classe média de Niterói, ele criava um filho que tivera em um relacionamento anterior. Conheceu Cristiane em um curso de dança de salão e se apaixonara. Nos dois anos de relacionamento, demonstrava um ciúme que crescia cada vez mais. Cristiane se preparava para o vestibular de Medicina e se inscrevera num curso de Informática.

— Terminei com ele depois de uma discussão. Ele passara a beber e chegou até a me xingar. Percebi que não teríamos futuro. Mas ele não se conformou e passou a me procurar, tentando reconciliação. Sentia ciúme de tudo, até da minha sombra — conta Cristiane.

Durante a emboscada, a arma ainda falhou duas vezes

Depois de meses de tentativa, a surpresa. Numa noite, Cícero preparou uma emboscada e surpreendeu Cristiane, uma tia e um casal de amigos quando saíam de uma casa na periferia de São Gonçalo. Ele portava duas armas. Uma delas encostou na têmpora da ex-noiva. Dois disparos, duas falhas. A terceira entrou por um lado e saiu pelo outro. Caída, ela ainda recebeu outros disparos. Seu amigo Luiz Eduardo Gonçalves Coutinho tentou desarmar Cícero e foi baleado na barriga. Cícero fugiu a pé. A família saiu de Niterói. A polícia até hoje não conseguiu encontrá-lo.

Cristiane também saiu de São Gonçalo e vive com uma tia em outra cidade:

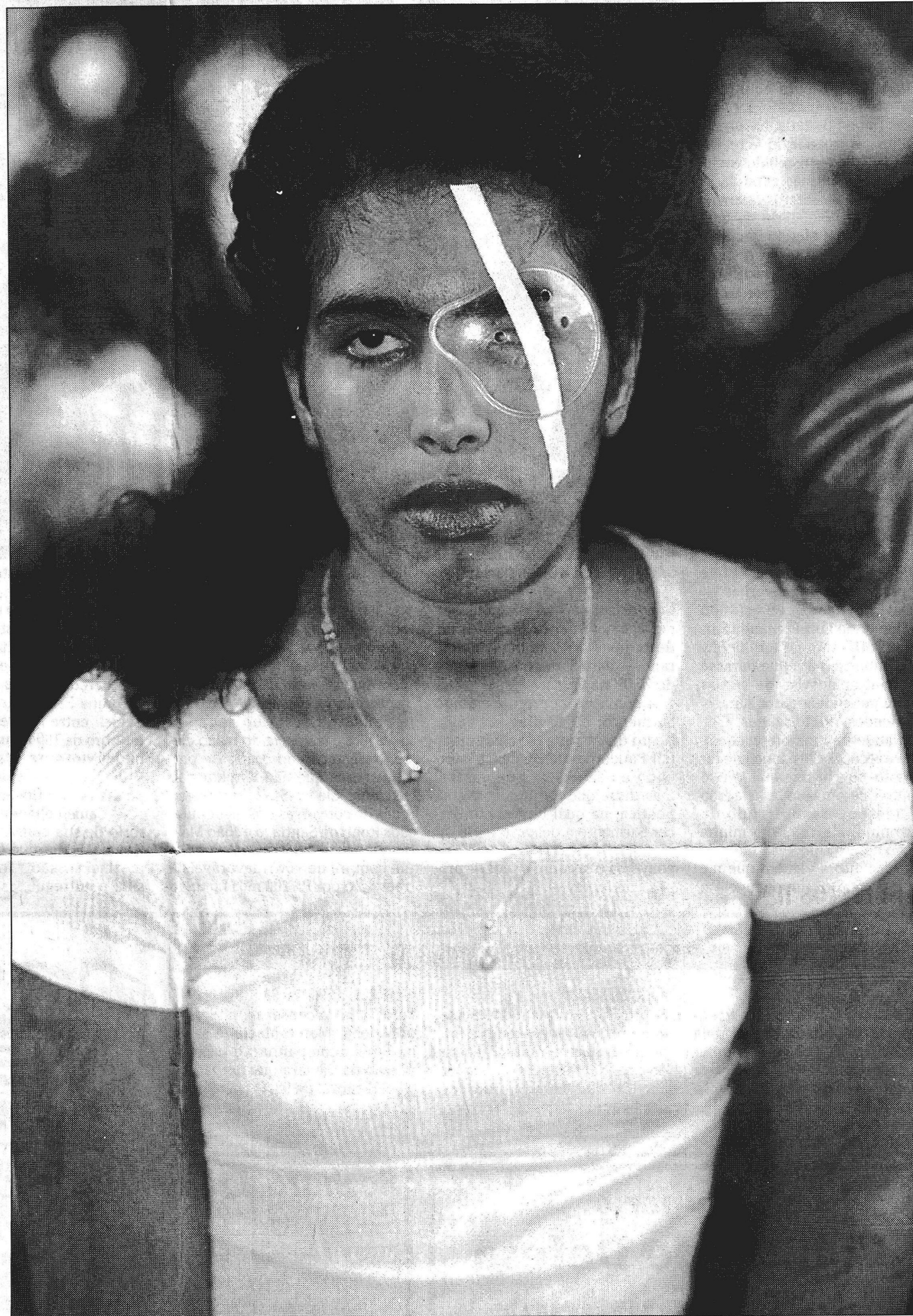
— Tenho medo. Ele pode voltar. Não temos mais sossego. Minha vida parou naquele instante. Hoje, luto a cada dia para salvar o pouco que me resta. Preciso fazer outras duas operações o mais rápido possível, mas não temos dinheiro. Já vendemos tudo o que tínhamos dentro de casa — explica Cristiane.

Tateando pela escada de uma casa humilde, ela brinca dizendo que até aprendeu a tomar banho sozinha e hoje percebe com mais detalhes os sons, o cheiro, o tato. Os sonhos ficaram para trás, naquela noite.

— Sei que o vestibular para Medicina acabou. O curso de Informática acabou. A dança em que me especializaria. Hoje espero a cada dia uma nova chance de enxergar. — conta.

Ela procura manter a calma quando fala do seu caso, mas ao falar do ex-noivo, o tremor na voz mostra a amargura em que vive:

— Eu não merecia isso. Só espero que ele também coma uma fatia desse bolo que me deu. A minha foi muito grande e dolorosa. ■



CRISTIANE ROCHA: 'Minha vida parou quando ele me deu um tiro. Hoje só espero, a cada dia, uma chance de poder enxergar de novo'

Celso Meira